

SURDEZ E PSICOLOGIA: O QUE DIZEM PRODUÇÕES ACADÊMICAS BRASILEIRAS?

DEAFNESS AND PSYCHOLOGY: WHAT DO BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTIONS SAY?

Edmarcius Carvalho NOVAES¹
Elaine Toledo Pitanga FERNANDES²
Aline Valéria de SOUZA³
Tiago de Castro SILVA⁴

RESUMO

A proposta deste artigo foi analisar como a relação entre a surdez e a Psicologia foi abordada nos últimos dez anos (2010-2020) em produções acadêmicas brasileiras. Trata-se de uma investigação de natureza quantitativa e qualitativa, cuja metodologia é a realização de estado da arte a partir de dissertações e teses que apresentam a discussão. Inicialmente, a fim de melhorar a experiência do leitor, buscou-se expor um breve histórico do movimento surdo no Brasil e no mundo, além de uma breve discussão sobre a Língua de Sinais e a comunidade surda. Os resultados encontrados em quatro produções apontaram que as barreiras comunicacionais no dia-a-dia impactam na qualidade de vida da população surda, podendo prejudicar o aprendizado do discente surdo no ensino regular, além do potencial surgimento de sintomas psíquicos, como a ansiedade. Ainda, constatou-se que as barreiras comunicacionais também podem impactar na vida de familiares ouvintes, especialmente as mães de filhos que nasceram surdos, uma vez que elas não estavam preparadas para esta situação. Conclui-se que, a partir dos achados da literatura, o maior obstáculo para pessoas surdas em sociedade é a falta de comunicação no contexto familiar e em distintas instituições sociais, cujos reflexos demonstram também o despreparo de profissionais da Psicologia para o atendimento em Libras.

PALAVRAS-CHAVE: surdez; psicologia; saúde.

ABSTRACT

The purpose article was to analyze how the relationship between deafness and Psychology has been approached in the last ten years (2010-2020) in Brazilian academic productions. This is a quantitative and qualitative investigation, whose methodology is the realization of the state of the art from dissertations and theses that present the discussion. Initially, in order to improve the reader's experience, we sought to expose a brief history of the deaf movement in Brazil and in the world, in addition to a brief discussion about Sign Language and the deaf community. The results found in four productions indicated that day-to-day communication barriers impact the quality of life of the deaf population, which may impair the learning of deaf students in regular education, in addition to the

¹Doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor e pesquisador na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), e-mail: edmarcius.novaes@univale.br.

²Doutorado em Odontologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora e pesquisadora na UNIVALE, e-mail: elaine.fernandes@univale.br.

³Mestrado em Gestão Integrada do Território pela UNIVALE. Professora e pesquisadora na UNIVALE, e-mail: aline.souza@univale.br.

⁴Graduando em Psicologia na UNIVALE, e-mail: tiago.castro@univale.br.

potential emergence of psychological symptoms, such as anxiety. Furthermore, it was found that communication barriers can also impact the lives of hearing family members, especially mothers of children who were born deaf, since they were not prepared for this situation. It is concluded that, based on the findings in the literature, the biggest obstacle for deaf people in society is the lack of communication in the family context and in different social institutions, whose consequences also demonstrate the unpreparedness of Psychology professionals for assistance in Brazilian Sign Language.

KEYWORDS: deafness; psychology; health.

INTRODUÇÃO

A surdez é considerada a impossibilidade ou dificuldade de ouvir. Em uma perspectiva clínica, segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2017), a surdez pode ser classificada de diversas formas. É considerada ligeira quando a palavra é ouvida, porém outros elementos fonéticos escapam ao indivíduo, o que dificulta a escuta em uma conversa habitual. Já na surdez média, a palavra só é ouvida utilizando-se uma intensidade muito forte, há dificuldades na aquisição da linguagem e pode haver o uso de leitura labial para compreensão do que é dito. Na surdez severa, a palavra em tom natural não é percebida, sendo necessário gritar para ter sensação auditiva, além de intensa necessidade de leitura labial. A surdez profunda é aquela na qual não há nenhuma sensação auditiva, e o processo de linguagem oral é dificultoso. Por fim, tem-se a surdez cofosa, na qual há ausência total do som. A perda da audição pode ocorrer devido ao acúmulo de cera de ouvido, infecções, imobilização de um ou mais ossos do ouvido, viroses, meningites, uso de medicamentos, exposição a ruídos de alta intensidade, traumas na cabeça, alergias, problemas metabólicos, idade avançada, causas congênitas, tumores, sífilis, toxoplasmoses, rubéola, etc.

Já em uma perspectiva socioantropológica, segundo Ferreira (2002) entende-se a surdez como constituinte da existência das pessoas surdas, que fazem parte de uma comunidade linguística minoritária que utiliza a Libras (Língua Brasileira de Sinais), não somente como meio de comunicação, mas como forma de fortalecer a identidade surda. Contudo, apesar de possuírem uma cultura própria entre os pares, isso não impede que, em uma sociedade majoritariamente ouvinte, os surdos se sintam

isolados, uma vez que as barreiras comunicacionais dificultam a vivência entre si. Esse isolamento pode também ocasionar em problemas de cunho psicológico entre a população surda.

Nesse sentido, não se analisa a surdez apenas como mera sinônima de deficiência física, pois

(...) o deficiente auditivo é aquele que entende não ser necessária e nem satisfatória a comunicação por meio de Libras. Em tese, pauta-se pela abordagem clínica, pois há apreço por práticas de tentativas de recuperação da audição [...] e de oralização, para a estimulação da linguagem oral-auditiva. (NOVAES; NOVAES, ISIDÓRIO, 2019, p. 529).

Na presente produção, analisamos a forma como a Psicologia tem percebido a terminologia “surdez”, utilizada por pessoas que se considerem surdas, usuárias da Libras, e não pessoas que se identificam como deficientes auditivas, que desejam a recuperação da audição e o uso de uma linguagem oral-auditiva. Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo é analisar como a relação entre a surdez e a Psicologia foi abordada nos últimos dez anos (2010-2020) em produções acadêmicas brasileiras

A metodologia adotada é o estado da arte, cuja finalidade é mapear e discutir produções encontradas, a partir de recortes epistemológicos estabelecidos. Para tanto, identificamos quatro dissertações que discutem a temática. Este artigo decorre do projeto de pesquisa “Libras, Surdez e Saúde Pública em Governador Valadares”, vinculado ao Núcleo Interdisciplinar em Educação, Direito e Saúde, financiado pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), na cidade de Governador Valadares (MG), e que visa a identificação de percepções de pessoas

surdas sobre suas vivências nos atendimentos dos serviços públicos de saúde local.

REVISÃO DA LITERATURA

Breve histórico do movimento surdo no Brasil e no mundo

Historicamente, não é possível definir com precisão quando a comunicação gestual começou. No Egito Antigo, as pessoas surdas eram consideradas “especialmente escolhidas” (PEREIRA *et al.* 2011, p. 5). Registros apontam que na Grécia os surdos eram considerados deficientes mentais e não possuíam acesso a qualquer direito legal, uma vez que os gregos acreditavam que “o desenvolvimento da linguagem levava ao pensamento e à condição humana; porém, como o surdo não conseguia se expressar falando, então, conseqüentemente não pensava e não era humano” (MORAIS *et al.* 2018, p.15).

Na Idade Média, o surdo ainda era considerado ser primitivo e ainda sem acesso a direitos, condição que permaneceu até o século XVI, quando os surdos passam a ter o direito à herança, desde que aprendessem a falar. Já na Idade Moderna, o espanhol Ponce de Léon construiu uma instituição para a educação de surdos, servindo de inspiração para outros educadores. O francês Charles Michel de l'Épée, no século XVIII, fundou o Instituto Nacional de Surdos em Paris, instituição reconhecida como a primeira escola de surdos do mundo (MORAIS *et al.* 2018).

No século seguinte, Thomas Gaulladet e Laurent Clerk fundaram a primeira escola para surdos nos Estados Unidos e, em 1869, já existiam dezenas de escolas para surdos nos EUA. No Brasil, em 1857, foi fundado o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), atualmente é vinculado ao Ministério da Educação, conhecido como a primeira escola para surdos do país (MORAIS *et al.* 2018).

Contudo, após anos de avanços na educação surda, o Congresso de Milão de 1880, uma conferência internacional de educadores de pessoas surdas, determinou a proibição do uso das línguas de sinais no mundo inteiro por quase um século, permitindo o ensino apenas através da

metodologia oral, o que gerou um enorme retrocesso na comunidade surda em todo o planeta. O ensino apenas do oralismo não se mostrou muito eficaz, pois os surdos não conseguiam utilizar a língua falada como os ouvintes (MORAIS *et al.* 2018).

No Brasil, entre as décadas de 1970 e 1980, os surdos iniciaram movimentos com o objetivo de conquistar mais direitos para a comunidade surda, foi quando surgiu o termo *deaf power* (poder surdo). Em 1987, foi criada a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS). Em 1991 a Libras foi reconhecida oficialmente pelo estado de Minas Gerais. Já em 1995 é criado um comitê de luta pela oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que é finalmente reconhecida em 2002 através da Lei nº. 10.436, ganhando o *status* de língua. Além disso, esta lei também mencionava que as instituições públicas deveriam ofertar acessibilidade em Libras em eventos e pronunciamentos, e os sistemas educacionais passariam a ter a opção de ofertar educação bilíngüe (Português/Libras).

Três anos depois, o Decreto nº 5626, que regulamentava a Lei nº. 10.436, oficializou a Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia. Em 2010, a profissão de tradutor e intérprete de Libras foi regulamentada no Brasil. No ano de 2014, foi criado o Dia Nacional da Língua Brasileira de Sinais (Libras), comemorado no dia 24 de abril. Em 2017, pela primeira vez na história os estudantes surdos puderam ter acesso a vídeos com as questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) traduzidas para a Libras, um grande avanço na comunidade surda (FÓFANO, 2017; MORAIS *et al.* 2018).

Ao longo da história, a comunidade surda passou por muitos momentos controversos e difíceis marcados pelo preconceito, sendo proibidos de utilizar a Língua de Sinais e também considerados como seres inferiores e com poucas capacidades intelectuais. Apesar de todas as barreiras, “os surdos sobreviveram em sua cultura e identidade” (MORAIS *et al.* 2018, p.129).

A Língua de Sinais e a Comunidade Surda

A linguagem é um dos elementos que permite que os seres humanos expressem seus sentimentos, pensamentos e ideias com o ambiente ou outros indivíduos. Esse termo engloba artefatos utilizados para transmitir uma mensagem. Nesse sentido, a linguagem pode ser expressa por meio de sinais, símbolos, sons, gestos, pinturas, dentre outros, além do próprio corpo humano. Por outro lado, para se ter o status de língua, “é preciso que uma dada linguagem seja sistematizada, através de conjunto de normas” (NOVAES; NOVAES; ISIDÓRIO, 2019, p. 526), característica comum em todos os idiomas existentes.

A Língua de Sinais é um idioma de natureza gesto-visual, usado pela comunidade surda, através da qual “a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida no espaço pelas mãos, pelo movimento do corpo, e pela expressão facial” (PEREIRA *et al.* 2011, p. 5). Ela é utilizada pela comunidade surda diariamente e serve como símbolo de identificação e união entre seus membros. Cada país possui sua Língua de Sinais e, por isso, “as Línguas de Sinais refletem a cultura dos diferentes países onde são usadas” (PEREIRA *et al.* 2011 p. 4), reforçando que não existe uma única língua universal de sinais.

A Libras possibilita que os surdos interajam entre si cotidianamente em um processo comunicativo eficaz (PEREIRA *et al.* 2011), permitindo que os surdos constituam uma comunidade linguística. Com a Lei nº. 10.436 de 2002, houve o reconhecimento, no Brasil, da Libras como uma língua,

[...] a partir disso, a consideração, valorização e respeito à cultura surda, porque, até então, os surdos eram considerados incapazes, deficientes e sem condições de trabalhar, participar de determinados eventos políticos e/ou até mesmo estudar (MORAIS *et al.* 2018, p.130).

Uma comunidade refere-se, de forma simplificada, a um grupo de pessoas com características comuns. Os surdos, mesmo

pertencendo a um grupo minoritário, constituem uma comunidade.

Dentre tantas comunidades surdas, que, mesmo sendo considerada como minoria, apresenta características próprias de pertencimento, pois as pessoas que participam dessa comunidade utilizam a língua de sinais, compartilham suas histórias, possuem o mesmo objetivo e têm um espaço comum de partilha linguística e cultural (MORAIS *et al.* 2018, p. 133).

Embora seja marcada por características específicas, a comunidade surda não está isolada, vivendo no meio de pessoas ouvintes, que são a maior parte da população, mas “mesmo sendo inserida em um contexto maior, possui um sentimento de ligação intencional a um ambiente de encontros de iguais e de pessoas com os mesmos interesses e objetivos” (MORAIS *et al.* 2018, p.133). Nela, o sujeito surdo não se vê como um ser deficiente, mas sim com uma diferença sociolinguística. Os desafios de inclusão de pessoas surdas no campo da saúde, e em especial, da Psicologia, merecem atenção.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa, de caráter quantitativo e qualitativo, propõe a produção do estado da arte de dissertações e teses que abordam as discussões envolvendo a relação entre surdez e a Psicologia. A produção desta pesquisa é importante para se obter um cenário atual de como a Psicologia tem se estruturado com um campo de estudo sobre a surdez e seus reflexos na constituição dos sujeitos.

O “estado da arte”, ou “estado do conhecimento”, é uma pesquisa de caráter bibliográfico que tem o objetivo de “mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares” (FERREIRA, 2002, p. 258). Trata-se de uma investigação ampla sobre determinado tema, utilizando dissertações, teses, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários como fontes de pesquisa.

Os trabalhos utilizados como fonte de pesquisa podem ser extraídos de catálogos universitários, de associações nacionais e órgãos de fomento da pesquisa. Segundo Ferreira (2002, p. 261), “os catálogos permitem o rastreamento do já construído, orientam o leitor na pesquisa bibliográfica de produção de uma certa área.” Nesta produção, utilizamos como base a plataforma online Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do MEC.

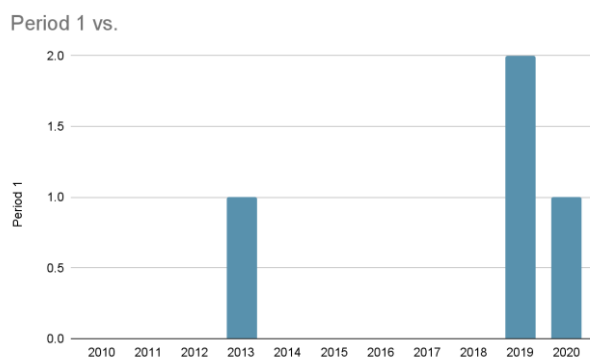
O percurso da pesquisa partiu por produções a partir do descritor “surdez”, com a seleção do período relativo aos últimos dez anos (2010-2020). No primeiro momento, encontramos 664 dissertações de mestrado, 203 teses de doutorado, 142 dissertações de mestrado profissional e 15 trabalhos profissionalizantes. A seguir, fizemos um refinamento assinalando as áreas do conhecimento “psicologia”, “psicologia do desenvolvimento humano”, “psicologia do ensino e da aprendizagem” e “psicologia social”, resultando na identificação de 42 dissertações de mestrado, 12 teses de doutorado e duas dissertações de mestrado profissional. Em seguida, filtramos por área de concentração, assinalando: “psicologia”, “psicologia clínica”, “psicologia clínica e cultura”, “psicologia da saúde”, “psicologia do desenvolvimento”, “psicologia do desenvolvimento humano”, “psicologia escolar e do desenvolvimento humano”, “psicologia experimental”, “psicologia social e política”, “psicologia, sociedade e cultura” e “psicologia e saúde”. Após a filtragem, identificamos 15 dissertações e teses que de fato apresentavam uma relação direta entre a surdez e a Psicologia a partir de seus resumos e palavras chaves.

Neste sentido, foram descartadas as produções cujos arquivos não se encontravam disponíveis para acesso público por não possuírem divulgação autorizada pelos autores ou por serem anteriores ao próprio catálogo. Além disso, apesar da filtragem por área do conhecimento e área de concentração, algumas produções encontradas ainda não possuíam relação direta com a Psicologia, tendo foco maior outras áreas da saúde (como a fonoaudiologia, por exemplo) ou discussões eminentemente

interdisciplinares, resultando na identificação final de apenas 4 (quatro) dissertações de mestrado, todas de natureza acadêmica.

A discussão da surdez em dissertações brasileiras na área da Psicologia se mostrou relevante, podendo perceber a relação entre surdez, psicologia e saúde mental. Quando analisamos o período de finalização das produções encontradas no Catálogo, percebemos um hiato sobre a discussão no período de 2010 a 2012, interrompido com uma dissertação defendida no ano de 2013, e depois mais um intervalo, de 2014 a 2018, sem novas produções, interrompido somente com novas dissertações defendidas em 2019 e 2020.

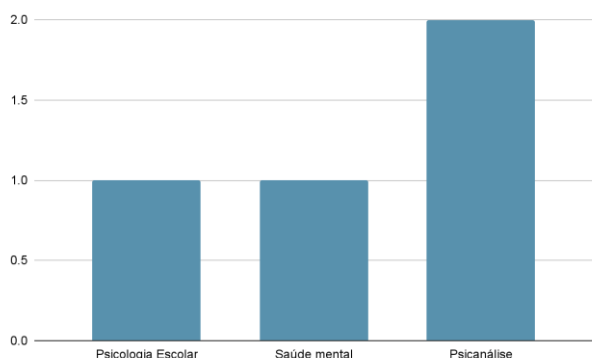
Gráfico 1 - Quantificação dos artigos pesquisados por ano



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de pesquisa desenvolvida (2022).

Quando analisamos as produções encontradas por localização geográfica das instituições de ensino superior às quais se vinculam os programas de mestrado e seus autores, temos um equilíbrio entre as regiões norte, nordeste, centro-oeste e sul, sendo, portanto, cada uma com 25% das discussões. Nenhum registro foi encontrado na região sudeste.

Em relação aos cortes epistemológicos empreendidos nas produções levantadas, observa-se no gráfico a seguir que os trabalhos encontrados focam nas áreas da saúde mental, da psicanálise e da psicologia escolar.

Gráfico 2 - Abordagem das discussões

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de pesquisa desenvolvida (2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As produções detalhadas abaixo abordam três discussões, organizadas de forma cronológica: uma, relacionada à Psicologia Escolar, publicada em 2013, outra relacionada à Saúde Mental, publicada em 2019, e, por fim, outras duas relacionadas à Psicanálise, publicadas, respectivamente, em 2019 e 2020.

Na área da Psicologia Escolar, a dissertação de Maria Freire Costa (2013), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), intitulada *A inclusão escolar sob a ótica do aluno com surdez: subsidiar reflexões para a psicologia e a educação*, orientada pela doutora Iracema Neno Cecilio Tada, inicialmente busca esclarecer, através da perspectiva de Vygotsky, como a escola vem atuando para que alunos surdos se desenvolvam cognitivamente a fim de entender como a Psicologia Escolar pode contribuir na Educação Especial e Inclusiva.

Vygotsky foi um autor soviético que levou o marxismo para a educação especial. Segundo a perspectiva marxista, era necessário investir em um modelo educacional condizente, uma vez que o modelo da época atendia somente a burguesia, priorizando a formação individual e mantendo a classe trabalhadora alienada e afastada das ciências e das artes. Nesse sentido, Vygotsky defendia que o surdo poderia aprender de maneira eficiente se houvesse uma educação coletiva, com foco nas relações humanas, a fim de superar as barreiras comunicacionais, contribuindo no desenvolvimento das funções psíquicas superiores. A interação social, dessa forma, seria essencial para o desenvolvimento

dos pensamentos dos surdos. Essa linha de pensamento atribui à Educação um papel importante no desenvolvimento cognitivo das pessoas.

Após essa análise, a autora apresenta seu estudo: uma pesquisa qualitativa com foco educacional e o objetivo de compreender o processo de escolarização de um jovem adulto surdo do Estado do Acre que, inicialmente, estudou no Ensino Especial e, posteriormente, foi inserido no Ensino Regular. Foram realizadas três entrevistas. Na visão do entrevistado, a saída do Ensino Especial para a inclusão no Ensino Regular não foi benéfica, uma vez que os profissionais da educação não estavam preparados para atender aos alunos surdos, provocando dificuldades de interação e compreensão do conteúdo das aulas e, conseqüentemente, uma queda no desempenho escolar.

Segundo a Psicologia Histórico-Cultural, uma boa escola é aquela que está preparada para promover o desenvolvimento psíquico no coletivo. A educação deve trazer as pessoas com surdez para a escola regular, aproveitando a experiência coletiva para superar os desafios comunicacionais entre alunos surdos e alunos e professores ouvintes, favorecendo o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Contudo, a simples inserção no espaço escolar dessas pessoas não é o suficiente.

Assim, a inserção de pessoas surdas nos espaços sociais mais amplos, conforme proposto por Vygotsky, não pode ser feito apenas com mudanças na legislação, sendo também necessário considerar os aspectos pedagógicos e estruturais, capacitação dos profissionais da educação e planejamento diário coerente para atender as especificidades dos educandos. Além disso, é preciso também rediscutir a atuação dos profissionais que trabalham nessa área.

Atualmente, o foco dos psicólogos que atuam nessa área ainda está na psicologia clínica, porém a Psicologia, como ciência, já dispõe de conhecimentos suficientes para também subsidiar práticas pedagógicas. Logo, o Psicólogo Escolar não deve focar apenas na área clínica, mas também deve ajudar a buscar alternativas para os problemas do cotidiano escolar, mobilizando e discutindo políticas

inclusivas, apontando possíveis formas de superar os entraves educacionais. Além disso, é necessário que os psicólogos também dominem a Libras para melhor compreensão da dinâmica educacional do surdo.

Na área da saúde mental, a dissertação de Fábio Santos (2019), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), intitulada *Análises da ansiedade entre surdos*, orientada pelo doutor Joilson Pereira da Silva, tem o objetivo de analisar e discutir a ansiedade entre pessoas surdas e foi dividida em três capítulos. Inicialmente, o autor apresenta um estudo teórico com o objetivo de apresentar e discutir a influência da comunicação, do gênero, dos aspectos educacionais e das características da surdez sobre a ansiedade das pessoas surdas.

Entende-se que, em uma sociedade majoritariamente ouvinte, a dificuldade comunicacional é um fator de risco para o aumento de ansiedade entre surdos. Já no segundo capítulo, é feita uma revisão integrativa, com o objetivo de descrever as pesquisas que investigaram a respeito da ansiedade entre pessoas surdas. Por fim, o terceiro capítulo consiste em uma pesquisa com o objetivo de analisar as narrativas de 10 estudantes surdos profundos bilaterais a respeito de suas experiências comunicacionais, sintomas de ansiedade vividos e o enfrentamento às adversidades.

Os estudantes responderam a 12 perguntas abertas sobre ansiedade, comunicação e enfrentamento. Os dados das entrevistas foram analisados pelo software IRaMuTeQ por meio da classificação Hierárquica Descendente (CHD), que gerou cinco classes: Relações Interpessoais; Comunicação; Cotidiano e ansiedade; Família, ansiedade e cotidiano; Problemas e seu enfrentamento. A classe “Cotidiano e ansiedade” possuiu maior concentração. Relatos do dia a dia dos participantes mostraram que situações do futuro parecem favorecer o surgimento de sintomas de ansiedade entre os participantes, que sofrem com as barreiras comunicacionais. A presença de relatos dos participantes jovens surdos permite uma compreensão mais ampla sobre como a ansiedade e o estresse estão presentes no cotidiano dessa população. Por fim, o autor sugere a condução de novas pesquisas de

abordagem qualitativa a fim de ampliar o entendimento dos fatores causadores de estresse e ansiedade no dia a dia de surdos profundos bilaterais.

Já na área da psicanálise, a dissertação de Caroline Coelho Vieira (2019), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), intitulada *Da ação ao gesto e do gesto à criação: um estudo teórico em Winnicott a partir da prática clínica com pacientes surdos*, orientada pela doutora Nadja Nara Barbosa Pinheiro, busca repensar a técnica psicanalítica, em que a fala ocupa papel primordial, e estudar a dimensão da linguagem com base nos pressupostos de Winnicott. Para isso, a autora inicialmente elabora uma busca por estudos científicos que tratam a surdez a partir do ponto de vista da psicanálise. Através deles, entende-se que para Freud a “fala”, elemento central na construção do método psicanalítico, está para além da simples expressão do pensamento por palavras oralizadas, indicando de certa forma a relevância do gesto como inerente a esse processo.

A seguir, é apresentado o trabalho de Winnicott e seu conceito de gesto e como eles também estão presentes na clínica. A autora foca na teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott, a partir da qual é possível compreender a complexidade das operações psíquicas durante o desenvolvimento do bebê e sua relação com o ambiente. Segundo o autor, o bebê depende do ambiente, física e emocionalmente, para continuar a existir, uma vez que o meio maneja as ações e impulsos do bebê, e a maneira como isso ocorre influencia no desenvolvimento emocional primitivo. Através desse trabalho, pôde-se compreender que a importância conferida ao ambiente pode ser metaforicamente transposta ao encontro analítico, considerando deste modo a adaptação suficientemente boa do analista às necessidades do paciente, encontrando em Winnicott princípios norteadores para o exercício clínico quando o primitivo se manifesta na clínica via relação transferencial.

Além disso, segundo a autora, é necessário se considerar a importância da adaptação dos analistas às necessidades do paciente, voltando sua atenção para as possíveis formas de comunicação, adaptando-se às suas

necessidades. É mais que necessário, em primeiro lugar, que o analista possua um conhecimento bilíngue (Libras/Português), uma vez que isso possibilita o início de uma relação de confiança, o que favorece o surgimento de um campo transferencial.

Por fim, também na área da Psicanálise, a dissertação de Marcella de Paula Almeida (2020), da Universidade Federal de Goiás (UFG), intitulada *O pequeno historiador surdo em busca de sentido: reflexões psicanalíticas sobre a constituição psíquica do sujeito surdo*, orientada pela doutora Priscilla Melo de Ribeiro Lima, tem o objetivo de investigar o lugar que a surdez ocupa na constituição psíquica de sujeitos surdos. A pesquisa contou com entrevistas narrativas como método para coleta de dados, na qual foram entrevistados cinco sujeitos surdos e quatro cuidadoras, sendo três mães e uma madrinha. A análise das histórias dos participantes-narradores evidenciou o estado de profunda dor psíquica advinda da ferida narcísica de ter um filho faltoso, diante do olhar das mães, e da tentativa inconsciente de que eles parecessem o mais perto possível do filho fantasiado durante a gestação, e esse estado psíquico resultou na negação da surdez e da Língua de Sinais. Segundo a autora, se o diagnóstico da surdez fosse acompanhado por uma equipe multiprofissional, com acompanhamento psicológico das famílias, esse problema poderia ser amenizado.

Portanto, nota-se que as produções analisadas que discutem a relação entre surdez e a Psicologia produzidas na última década (2010-2020) abordam a barreira comunicacional como obstáculo para uma boa (con)vivência das pessoas surdas. Conforme Santos (2019), uma das dificuldades enfrentadas pelos surdos está na interação com ouvintes que não possuem conhecimento da Libras, sendo obrigados a ter que se adaptar a essa situação utilizando mímica ou gestos para se comunicarem, e problemas de comunicação como esse podendo impactar negativamente o psicológico de pessoas surdas. Segundo Santos (2019), as dificuldades comunicacionais podem ocasionar em solidão e isolamento à pessoa surda, levando-a a evitar o contato social. Tal isolamento social também

contribui para que uma pessoa surda se sinta mais ansiosa.

A surdez também pode impactar não somente o indivíduo, como sua família também. Estima-se que noventa e cinco por cento dos alunos surdos pertencem a famílias com membros apenas ouvintes (NOVAES, 2014), mostrando que os obstáculos comunicacionais também podem estar presentes dentro de casa. Conforme o trabalho de Almeida (2020), a surdez pode impactar o psicológico dos familiares ouvintes, que não estavam preparados para educar um filho surdo e, em diversos casos, há negação da surdez e do uso de Libras. Dessa forma, a criança não chegará à escola com bom desempenho comunicativo (NOVAES, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho problematizou como a relação da surdez com a Psicologia foi abordada nos últimos dez anos em dissertações e teses brasileiras. Conclui-se que as produções analisadas sinalizaram que boa parte dos problemas existentes na relação entre pessoas surdas e a Psicologia encontra-se nas dificuldades de comunicação provocadas pela não utilização da Libras por profissionais da educação, psicólogos ou até mesmo pelos próprios familiares da pessoa surda, que sofrem profunda dor psíquica advinda de ter um ‘filho faltoso’, diante do olhar das mães, e da tentativa inconsciente de que parecessem o mais perto possível do filho fantasiado durante a gestação, negando a surdez e a Língua de Sinais. Nesse sentido, em uma sociedade majoritariamente ouvinte como a brasileira, essas barreiras comunicacionais no dia a dia da pessoa surda podem desencadear impactos psicológicos nessa população, como a ansiedade.

A fim de superar essas limitações na comunicação e seus impactos psicológicos no cenário acadêmico, é mais que necessário pensar em políticas de inclusão. A pesquisa aponta que, apesar da existência de leis que favoreçam a inclusão dos surdos na Educação Regular, a mera inserção dessa população no espaço escolar não é o suficiente sem que antes seja rediscutido a atuação dos profissionais que trabalham nessa área. Diante disso, a Psicologia Escolar pode

contribuir para além da mera atuação clínica, buscando alternativas para os problemas do cotidiano escolar, auxiliando na promoção de políticas inclusivas e apontando possíveis formas de superar os entraves educacionais.

Portanto, quando um diagnóstico de surdez é feito, é importante também que o paciente e a família sejam apoiados por uma equipe multiprofissional capacitada, com acompanhamento psicológico a fim de auxiliarem a família da melhor forma possível, evitando a negação da surdez e da Língua de Sinais pelo grupo familiar. Já na área clínica, as pesquisas apontam que é necessário que os psicólogos, assim como demais profissionais da saúde, se adaptem às necessidades sociolinguísticas do paciente surdo e de seus familiares. Desta forma, o profissional da Psicologia precisa ter habilidades comunicativas em Libras, pois isso possibilita o início de uma relação de confiança entre profissional e paciente, favorecendo o surgimento de um campo transferencial.

Por fim, conclui-se que pela necessidade de novas pesquisas que abordem e divulguem na comunidade acadêmica esse tema, uma vez que em dez anos (2010-2020), apenas quatro dissertações de mestrado foram produzidas e disponibilizadas, havendo hiatos sobre a discussão entre surdez e a Psicologia no período de 2010 a 2012 e de 2014 a 2018, bem como estudos em níveis de doutoramento sobre a temática.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), pelo financiamento do projeto de pesquisa “Libras, Surdez e Saúde Pública em Governador Valadares”, do qual esta publicação é resultante.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.P. **O pequeno historiador surdo em busca de sentido:** reflexões psicanalíticas sobre a constituição psíquica do sujeito surdo. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Goiás,

Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10519>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da saúde. **Surdez.** Biblioteca virtual em saúde. 2017. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/dicas-em-saude/2506-surdez>. Acesso em: 10 jun. 2021

COSTA, M.F. **A Inclusão escolar sob a ótica do aluno com surdez:** subsidiar reflexões para a Psicologia e a Educação. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013. Disponível em: <https://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/1285>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FERREIRA, N.S.A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Revista Educação e Sociedade**, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FÓFANO, C. **O direito à educação universitária para candidatos surdos no exame nacional do ensino médio:** as fronteiras entre as multiterritorialidades da surdez e o uso das tecnologias assistivas. 2017. Dissertação de (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2017.

MORAIS, C.E.L. de *et al.* **Libras.** 2 ed. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

NOVAES, E.C. **Surdos:** Educação, direito e cidadania. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

NOVAES, E.C.; NOVAES, E.C., ISIDÓRIO, A.R. A proposta da educação bilíngue como um direito para alunos surdos. SIMPÓSIO DE PESQUISA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 17., 2019, Governador Valadares. **Anais [...]**. Governador Valadares: UNIVALE, 2019. p. 525-534.

PEREIRA, M.C.C. *et al.* **Libras**: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson, 2011.

SANTOS, F. **Análises da ansiedade entre surdos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2_1864e3c7f008c879fd51abbcaf2cd51e. Acesso em: 05 jan. 2023.

VIEIRA, C.C. **Da ação ao gesto e do gesto à criação**: um estudo teórico em Winnicott a partir da prática clínica com pacientes surdos. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60528>. Acesso em: 05 jan. 2023.